I.

Movimento 5 estrelas e Liga Norte anunciam pacto de Governo em Itália e propõem a expulsão de meio milhão de imigrantes;

Relações entre Washington e Bruxelas dominam cimeira de Sofia. Encontro dos 28 líderes europeus na Bulgária termina sem promessas em relação ao alargamento da União Europeia aos Balcãs;

E esta semana em análise: o Acordo de Parceria Económica assinado entre Bruxelas e o Japão. Trata-se do maior pacto comercial alguma vez negociado pela União Europeia.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Em Itália, o Movimento 5 Estrelas e a Liga concluíram um programa de governo conjunto que inclui a expulsão massiva de imigrantes. Também a redução das competências da União Europeia, como nos conta a jornalista Sofia Jesus.

Já são conhecidos os detalhes do programa governativo do Movimento 5 Estrelas e da Liga.

A Itália mantém-se no Euro, ao contrário do que chegou a ser afirmado, mas a expulsão de cerca de 500 mil imigrantes considerados ilegais vai mesmo para a frente.

O programa de governo dos dois movimentos consagra um grande espaço à gestão da imigração. É proposto reformar a chamada Convenção de Dublin, que regula o processo de candidatura dos refugiados que procuram asilo político, e expulsar imigrantes considerados ilegais.

Os dois partidos eurocépticos propõem reduzir também as competências da União Europeia. O pacto assinala que Itália vai pedir o pleno cumprimento dos objectivos do Tratado de Maastricht de 1992 e considera necessária a revisão da estrutura de governação económica europeia.

Fontes dos dois partidos anunciaram que os líderes Luigi Di Maio e Matteo Salvini já chegaram a um acordo sobre um programa de Governo e um nome para primeiro-ministro, pondo assim fim a um impasse de dois meses, após umas eleições legislativas de resultados inconclusivos e que desencadearam várias rondas de negociações sem resultados.

Sofia Jesus aqui com os novos desenvolvimentos em Itália. Até à gravação deste programa, o nome do primeiro-ministro ainda não

tinha sido anunciado. A comunicação social diz que é será uma terceira pessoa, que não pertence nem à Liga, nem ao Movimento 5 Estrelas.

#### III.

E de Itália até à Bulgária: os 28 líderes do bloco europeu estiveram reunidos em Sofia na última quinta-feira, numa cimeira que tinha como objectivo reforçar a relação com seis países dos Balcãs Ocidentais, com vista ao alargamento do bloco comunitário.

Não foram feitas promessas quanto a futuras adesões ao projecto europeu, apesar de Donald Tusk reforçar que não há plano B.

### **Donald Tusk, Presidente do Conselho Europeu**

Historicamente, geograficamente, mentalmente, culturalmente, esta região faz parte da Europa. E isso tem consequências políticas.

Já o primeiro-ministro português António Costa partilha da mesma opinião do líder francês Emmanuel Macron, que disse que um novo alargamento tem de ser visto com prudência e rigor.

# António Costa, Primeiro-Ministro de Portugal

Como é que se pode convidar mais alguém para a União Europeia sem conseguirmos consolidar aquele que foi o projecto mais ambicioso até agora lançado, que foi a União económica e monetária? No momento em que a Europa está aqui tão dividida na discussão do próximo quadro financeiro plurianual, como é que podemos estar a convidar outros para se juntaram a nós? Primeiro temos de arrumar a nossa casa.

As divergências entre os líderes europeus não se ficaram pela adesão de novos países.

A marcar a cimeira esteve a ausência do presidente do Governo espanhol. Isto por causa da Catalunha. Mariano Rajoy recusa-se a promover ambições independentistas de outras regiões europeias, como o Kosovo, que declarou unilateralmente a independência no início de 2008.

Apesar disso, Espanha subscreveu a declaração conjunta, na qual os 28 países do bloco reafirmam o compromisso político com os candidatos à adesão: Sérvia e Montenegro, que já estão a negociar formalmente os termos para a entrada; Macedónia e Albânia, que esperam receber um sinal para começaram as conversações no Conselho Europeu de Junho, e ainda Bósnia-Herzegovina e Kosovo, com um processo bastante atrasado.

No documento, o compromisso manifesta-se na cooperação e investimento para "aumentar a conectividade em todas as suas dimensões: transportes, energia, dimensões digital, económica e humana".

Mas foi a saída dos Estados Unidos do acordo nuclear iraniano que acabou por dominar este encontro.

A chanceler alemã Angela Merkel reafirmou a ligação a Teerão.

# Angela Merkel, Chanceler da Alemanha

Todos na União Europeia partilham a ideia de que este acordo não é perfeito, mas devemos mantê-lo e prosseguir negociações com o Irão sobre outros temas, como o programa de mísseis balísticos.

No que diz respeito às relações com os Estados Unidos, Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia, deixou uma mensagem.

## Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia

Não negociaremos com a espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças. É uma questão de dignidade.

#### IV.

Declarações do presidente da Comissão Europeia, que falava em Bruxelas sobre as relações com Washington.

E ainda no que diz respeito à ligação com o outro lado do Atlântico, a União Europeia e também o Japão informaram a Organização Mundial do Comércio que estão dispostos a adoptar medidas de retaliação contra os Estados Unidos, se o governo americano insistir em impor tarifas aduaneiras sobre as importações de aço e alumínio.

O governo japonês disse que tem o direito de adoptar tarifas sobre produtos americanos no valor de mais de 400 milhões de dólares, montante equivalente ao impacto do imposto aprovado pelo governo dos Estados Unidos sobre produtos japoneses.

Já a União Europeia enviou à OMC uma lista de produtos americanos sobre os quais poderá aplicar futuramente direitos de importação adicionais, se a isenção da qual beneficia até um de Junho não for mantida.

#### +++

Entretanto é já em Julho que União Europeia e Japão deverão encontrar-se em Bruxelas para finalizar o Acordo de Parceira Económica.

Trata-se do maior pacto comercial jamais negociado pela União Europeia, como nos conta a jornalista Marta Melo.

Só entra em vigor para o ano, mas está quase tudo pronto.

O primeiro-ministro japonês Shinzo Abe deverá visitar em breve a sede da União Europeia, em Bruxelas, para assinar o Acordo de Parceria Económica entre Tóquio e Bruxelas.

O tratado deverá ser ainda ratificado pelas duas partes e o objectivo é que entre em vigor até finais de Março de 2019.

Bruxelas já veio dizer que se trata do mais importante acordo bilateral de comércio livre alguma vez firmado pelo bloco europeu.

De acordo com o entendimento, vai ser removida a grande maioria das taxas pagas pelas empresas da União Europeia, que ascendem a mil milhões de euros anuais.

Vai também abrir o mercado japonês a exportações agrícolas europeias e aumentar as oportunidades num vasto leque de sectores.

A Comissão Europeia estima que o valor das exportações provenientes da União Europeia possa aumentar até 20 mil milhões de euros.

Além disso, este acordo estabelece os mais altos padrões ao nível de trabalho, segurança, protecção ambiental e dos consumidores, salvaguarda completamente os serviços públicos e tem um capítulo dedicado ao desenvolvimento sustentável.

#### +++

Acordo da União Europeia com o Japão. Juntos são responsáveis por cerca de um quarto do PIB mundial.

E connosco ao telefone para falar deste entendimento está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente no Magazine Europa que se encontra esta semana no Japão.

Victor, Bruxelas disse que este é o maior acordo bilateral comercial jamais negociado pela UE.

Sim, e é verdade. O Japão é importante para a União Europeia do ponto de vista comercial, digamos assim. O Japão ocupa a sétima posição no que diz respeito aos parceiros económicos da União Europeia, ou seja, é um parceiro significativo, e este acordo comercial permite que haja um comércio totalmente livre entre as duas partes, ou seja, entre os países da União Europeia e o Japão. E evidentemente isso é importante, por um lado, porque vai permitir uma expansão das exportações e das importações para ambos os lados, mas é também importante porque é um exemplo do que poderá ser o tipo de relações entre a União Europeia e outras regiões e outros países do globo.

Este acordo de comércio livre com o Japão é um acordo, que vai, por exemplo, inspirar o acordo que a União Europeia está a tentar assinar com

os países da América do Sul e vai certamente também inspirar depois outros acordos comerciais entre a União Europeia e outras partes do globo. Este acordo diz respeito a praticamente tudo, desde produtos agrícolas a produtos industriais, a serviços financeiros, às telecomunicações, e curiosamente à robótica.

Que relevância é que tem este pacto numa altura em que se fala de uma guerra comercial que parte dos Estados Unidos e que a China e a União Europeia se acusam mutuamente de serem proteccionistas?

O acordo com o Japão tem também essa leitura política, ou seja, permite à União Europeia mostrar quer à China, quer aos Estados Unidos que é possível estabelecer um regime de comércio livre com outras partes do globo, um regime em que ambas as partes ganham. E para além das questões económicas, para além das questões comerciais, é evidente que o relacionamento da União Europeia com o Japão tem sempre em mente o que é que isso poderá significar, nomeadamente em relação à China. Aliás, muitas das relações políticas, das relações económicas e até culturais da Europa com o Japão têm sempre como pano de fundo: em que medida é que isso pode influenciar o grande amor que existe, digamos assim, entre a União Europeia e a China, mas que é um amor com muitas dificuldades.

Um dos elementos importantes deste acordo tem a ver com a actividade baleeira no Japão para fins científicos, segundo o governo japonês. Mas a Greenpeace já veio acusar Bruxelas de não exigir garantias suficientes à protecção das baleias. Como é que a União Europeia deverá enfrentar esta questão?

Estas questões nunca são questões lineares, a verdade é que a União Europeia e o Japão estão inteiramente de acordo em relação aos grandes objectivos do Acordo de Paris e penso que vão ser grandes aliados na implementação de todas as políticas que possam ter uma influência sobre o clima, mas também depois há divergências e, nomeadamente, divergências em relação à política baleeira do Japão. Mas é uma questão muito difícil de tratar, porque o Japão continuará a invocar pretextos científicos e a União Europeia vai, por um lado, ouvir o Greenpeace, mas por outro lado ter em atenção os interesses comerciais que presidem às relações com o Japão e em certa medida vai tentar esconder-se por detrás destas justificações científicas que o Japão irá dar.

Aliás, não é apenas no caso do Japão que existe este problema. A União Europeia já tem aqui à porta de sua casa um problema semelhante, com a Noruega. A Noruega continua a fazer pesca da baleia, a Noruega que é um exemplo em termos de protecção do meio ambiente. A União Europeia de vez em quando levanta a questão, mas na realidade acaba por fechar os olhos.

E a verdade é que as relações entre Tóquio e Bruxelas são muito boas. Pensa-se, no entanto, aqui em Bruxelas que o Japão tem sido um pouco esquecido pelos países membros da União Europeia, porque estão de tal maneira ofuscados pela relação entre a União Europeia e a China, que o Japão acaba por ser relegado para uma posição de fim de página.

Concorda então que existe uma visão sino-cêntrica da Ásia em Bruxelas? Existe, sim. Muitas vezes quando se fala no aprofundamento das relações entre a Europa e o Extremo Oriente, quem está do outro lado da mesa o que ouve é o seguinte: aprofundamento das relações entre a Europa e a China. Quando na realidade, alguns de nós lembramos ao outro lado da mesa, que para além da China existe nomeadamente o Japão e a Coreia do Sul, que são parceiros muito importantes para a União Europeia e em relação aos quais há um potencial enorme de relacionamento que não tem sido explorado, ou seja, tem havido uma preocupação muito grande em concentrar todas as atenções na relação entre Pequim e Bruxelas e isso, em certa medida, tem deixado pouco espaço para o aprofundamento das relações políticas, das relações económicas, das relações culturais entre a União Europeia e o Japão, por exemplo.

# Será que esta parceria euro-nipónica foi afectada pela própria situação no Japão, uma economia que abrandou, o envelhecimento e a diminuição da população?

Não, penso que não. Penso que apesar de tudo, o Japão, apesar das dificuldades económicas, e de um certo abrandamento do crescimento e evidentemente também a questão do envelhecimento da população... é uma economia que pesa ao nível internacional. Mas a verdade é que, por um lado, do lado europeu, a grande preocupação tem sido concentrar todas as atenções no desenvolvimento das relações com a China e, em certa medida, por isso, esquecendo um pouco os outros países do Extremo Oriente e em particular o Japão. E também é verdade que o Japão - isto é uma questão que tem dois sentidos – é também é verdade que o Japão tem estado muito mais preocupado em desenvolver as suas relações políticas e económicas com os Estados Unidos do que com a Europa e penso que, quer um lado, quer o outro, quer Tóquio, quer Bruxelas, precisam de pensar a sério nas enormes possibilidades que existem de um aprofundamento das relações entre ambas as partes.

# Entretanto, também se falou de um outro acordo, o Acordo de Parceria Estratégica, em que é que consiste?

Esse entendimento iria mais longe do que um simples acordo comercial e teria a ver, nomeadamente, com as relações na área da defesa, com as relações, por exemplo, na área da política internacional e teria também que ver com a ajuda ao desenvolvimento. Nós não podemos ignorar que o Japão

é neste momento o quarto país em termos de ajuda ao desenvolvimento e aí existe uma possibilidade enorme da União Europeia e o Japão coordenarem os seus esforços e contribuirem em conjunto para, por exemplo, o desenvolvimento de África. No Japão tem havido nos últimos tempos o renascimento do interesse por África. E era importante que a União Europeia explorasse esse renascimento, se associasse ao Japão e trabalhassem juntos para ajudar os países africanos a ultrapassar as imensas dificuldades que têm neste momento pela frente. Isso seria vantajoso para os africanos, evidentemente, seria vantajoso para nós, os europeus, e em certa medida corresponde muito à política do Japão, que é uma política de uma maior penetração noutras partes do mundo em que poderá estar em competição com o seu vizinho, que é a China.

#### V.

Regressamos para a semana à conversa com Victor Ângelo.

Deixamos ainda uma nota cultural.

O Museu do Design em Londres recebeu o Prémio Museu Europeu do Ano 2018, numa cerimónia que decorreu em Varsóvia, na Polónia.

O espaço foi fundado em 1989 no leste londrino, mudando-se há apenas dois anos para a Kensington High Street.

De Portugal, o Museu Nacional dos Coches, em Lisboa, e o Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento, fizeram parte da lista dos 40 finalistas candidatos ao prémio.

Criado pelo Conselho da Europa, o Fórum Europeu dos Museus atribui este reconhecimento desde 1977.

Nós ficamos por aqui, até para a semana!

# [ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, cofinanciada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + Estamos no Facebook em Magazine Europa.